

RESENHA

Carta do Papa Francisco sobre o valor formativo da literatura

Clayton Alves de Freitas¹

133

Ao propor o Ano Santo de 2025 como um tempo de renovação, o Papa Francisco (2024a), por meio da bula *Spes non Confundit* (SNC) utiliza imagens que aproximam fé e vida cotidiana: “esperar a alternância das estações com os seus frutos; observar a vida dos animais e os ciclos do respectivo desenvolvimento; ter os olhos simples de São Francisco que, no seu Cântico das Criaturas [...] sentia a criação como uma grande família” (SNC 3). Nesse mesmo horizonte, sua carta “Sobre o Papel da Literatura na Educação”, publicada em 2024, destaca a importância da leitura como prática favorável à interioridade, maior compreensão e sensibilidade perante a vida. Ambas as mensagens, tanto a bula quanto a carta, convergem para ser um convite à escuta e à atenção, aspectos essenciais a uma travessia mais consciente da existência, em diálogo com a cultura e com o outro.

Em tom pessoal e formativo, o Papa inicia referida carta recordando que, em sua juventude, foi professor de literatura em uma escola jesuíta, na Argentina. A partir dessa lembrança, reconhece a força da literatura como companheira de vida: “na literatura, cada um encontra o seu próprio caminho [...] Cada um encontrará os livros que falarão à sua própria vida e que se tornarão verdadeiros companheiros de viagem” (Francisco, 2024b, 7). A leitura é apresentada como experiência singular e transformadora, capaz de despertar reflexões que atravessam o tempo e acompanham as fases da vida. Considera a literatura essencial para quem deseja dialogar com a cultura e com a realidade concreta das pessoas. O Papa escreve: “para um crente que deseja sinceramente entrar em diálogo com a cultura do seu tempo ou, simplesmente, com a vida de pessoas concretas, a literatura torna-se indispensável” (Francisco, 2024b, 8). Essa aproximação com o humano é reforçada pela valorização das palavras de autores a expressar o drama do viver: “como falar ao coração dos homens se ignorarmos, relegarmos ou não valorizarmos ‘essas palavras’ com que quiseram manifestar e, por que não, revelar o drama do seu viver e sentir através de romances e poemas?” (Francisco, 2024b, 9). A leitura aparece, assim, como forma de escutar os sentimentos e os conflitos humanos, de superar o isolamento e abrir espaço para relações mais profundas com o mundo.

Ao longo da carta, Francisco reafirma que o ser humano é um ser que se expressa na linguagem, que se descobre e se forma em relação com histórias. Para além de conceitos abstratos, as narrativas, conflitos, decisões e trajetórias possibilitam revelar o que realmente importa para a existência. Sobre isso, o papa menciona uma passagem do Concílio Vaticano II: “na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente” (Francisco, 2024b, 15). Com isso, indica que o valor das histórias está em ajudar cada pessoa a reconhecer, nas situações concretas, os desafios, os sentidos e as esperanças da própria vida. Portanto, ler é exercitar a escuta



¹ Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP.

de personagens, conflitos e experiências que nos preparam para viver com mais maturidade. O Papa descreve: “ao ler, mergulhamos nas personagens, nas preocupações, nos dramas, nos perigos, nos medos de pessoas que acabaram por ultrapassar os desafios da vida” (Francisco, 2024b, 17). Com isso, muitas vezes, os conselhos dados mentalmente às personagens dão retorno posterior a nós mesmos, como ensinamento para a vida real. A literatura funciona como um ensaio de humanidade, oferecendo modelos e advertências, sem impor regras, mas abrindo caminhos.

Para além de sua função reflexiva, a literatura é também uma forma de beleza e leveza. Francisco reconhece a falta que a poesia faz ao mundo atual. Ele recorda: “no regresso da minha Viagem Apostólica ao Japão, quando me perguntaram o que é que o Ocidente tem a aprender com o Oriente, respondi: creio que falte ao Ocidente um pouco de poesia” (Francisco, 2024b, 22). A poesia, nesse contexto, não é um adorno, mas uma maneira diferente de olhar, que enriquece o modo como percebemos o mundo e os outros. O Papa também sugere que a leitura é uma forma de discernimento. O leitor não apenas compreende o texto, mas é por ele questionado e interpelado: “O ato de ler é, pois, como um ato de ‘discernimento’, graças ao qual o leitor é implicado na primeira pessoa [...] experimenta efetivamente ‘ser lido’ pelas palavras que vai lendo” (Francisco, 2024b, 29). Ao entrar na lógica da narrativa, o leitor participa da experiência, sendo, ao mesmo tempo, aquele que lê e aquele que é tocado pela palavra lida. A leitura torna-se um campo de escuta fraterna e de autoconhecimento.

Em um tempo marcado pela pressa e pela busca constante por eficiência, o Papa Francisco adverte sobre o risco de perda de sensibilidade e percepção. A literatura, nesse contexto, ajuda a reencontrar o valor da pausa, da contemplação e da escuta, em vista das urgências do cotidiano, necessitando desacelerar e simplificar a vida pelo desligamento do que nos é imediato. “Isto pode acontecer quando, de modo desinteressado, uma pessoa se detém para ler um livro” (Francisco, 2024b, 31). A leitura, portanto, convida a uma desaceleração produtiva, que permite digerir melhor as experiências e desenvolver uma atenção mais profunda à complexidade. Trata-se de uma aprendizagem do tempo, da escuta e da presença. A literatura é também uma forma de se abrir ao outro. Ao explorar histórias de diferentes tempos, culturas e sensibilidades, o leitor é conduzido a enxergar o mundo por outros olhares. O Papa Francisco afirma que “a maravilhosa diversidade do ser humano e a pluralidade diacrônica e sincrônica das culturas e dos saberes configuram-se, na literatura, numa linguagem capaz de respeitar e exprimir a sua variedade” (Francisco, 2024b, 35). Com isso, a leitura torna-se uma experiência de encontro. Por meio das palavras partilhadas, o que antes era estranho ou distante torna-se compreensível. Ler é, desse modo, aprender a traduzir o que é diferente, descobrir pontes entre mundos e reconhecer a dignidade que existe em cada história.

Na conclusão da carta, Papa Francisco destaca o poder transformador da literatura. Longe de ser apenas um entretenimento ou exercício intelectual, a leitura é descrita como uma potencial experiência de renovação interior, capaz de libertar o pensamento das formas rígidas e repetitivas, abrindo espaço para a criatividade e a sensibilidade. “Neste sentido, a literatura ajuda o leitor a quebrar os ídolos das linguagens autorreferenciais, falsamente autossuficientes, estaticamente convencionais” (Francisco, 2024b, 42). Assim, os livros tornam-se espaços onde é possível respirar, pensar e imaginar no-

vos modos de viver e de se relacionar. A leitura, nesse contexto, é uma prática que amplia horizontes e desperta para o que há de mais humano.

Ao refletir sobre o valor da literatura, o Papa Francisco convida a redescobrir o gesto de ler como uma forma de escuta, atenção e crescimento humano. Longe de ser uma atividade isolada ou elitista, a leitura aparece como caminho de formação sensível e ética, abrindo espaço para a empatia, a compreensão e o diálogo correlatos à vida concreta das pessoas. Além de ser um convite à apreciação da literatura, sua carta é um incentivo para que todos, especialmente os mais jovens, encontrem nos livros verdadeiros “companheiros de viagem” (Francisco, 2024b, 7). A reflexão ganha ainda mais profundidade quando lida em conjunto com a bula de proclamação do Jubileu de 2025, pela qual, recorda a esperança como atitude que sustenta a travessia da vida. Ao usar imagens tiradas da natureza e da poesia de São Francisco de Assis, propõe “esperar a alternância das estações com os seus frutos; observar a vida dos animais e os ciclos do respectivo desenvolvimento; ter os olhos simples de São Francisco” (Francisco, 2024a, 3). Ao aproximar literatura e esperança, carta e bula dialogam entre si: a primeira oferece as palavras que nos fazem escutar melhor a vida; a segunda lembra que essa escuta pode ser fonte de confiança, paciência e resistência.

Ler, portanto, é também um gesto de esperança. Em um tempo marcado por distrações, fragmentações e pressa, a literatura ressurgue como um caminho educativo, humano e sensível. Ao valorizar a leitura como espaço formativo, o Papa propõe um exercício possível e acessível de convivência ética, de fraternidade e amizade social, como “peregrinos da esperança” integrados à casa comum.

Referências

Francisco, Papa. *Spes non confundit*: Bula de proclamação do Jubileu ordinário do ano 2025 (SNC). Cidade do Vaticano, 9 de maio de 2024a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509_spes-non-confundit_bolla-giubileo2025.html. Acesso em: 4 abr. 2025.

Francisco, Papa. Carta do Santo Padre Francisco sobre o papel da literatura na educação. Cidade do Vaticano, 17 de julho de 2024b. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2024/documents/20240717-lettera-ruolo-letteratura-formazione.html>. Acesso em: 4 abr. 2025.

Recebido: 06/04/2025

Aprovado: 17/04/2025



